

DEMOGRAFIA

Censo mostra os desafios do Brasil

Crescimento da população idosa e diminuição do número de crianças expõem a urgência de qualificar os mais jovens para manter o desenvolvimento do país. Diagnóstico reforça, ainda, a necessidade de políticas públicas voltadas aos mais velhos

• VINÍCIUS DORIA

O Brasil está envelhecendo rapidamente, enquanto o número de crianças continua na direção contrária, de acordo com o último relatório parcial do Censo 2022 divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 12 anos (desde o Censo de 2010), a população com 65 anos ou mais subiu de 7,4% do total de habitantes para 10,5%. Em números absolutos, temos, atualmente, 22,1 milhões de idosos, uma alta expressiva de 57,4% em relação à última contagem. No sentido oposto, o percentual de crianças até 14 anos caiu 12,6% no período — de 6,5 milhões (21,1%) para 6,1 milhões (10,8%). A tendência de envelhecimento da população já vinha sendo apontada pelos pesquisadores, mas a velocidade com que firmou-se surpreendeu, assim como a redução da base da pirâmide etária.

Os números mostram que o Brasil está saindo do chamado boom demográfico em que a população jovem é maioria e garante a sustentabilidade do mercado de trabalho nas décadas seguintes. Metade da população do país tem 35 anos ou mais — seis anos a mais do que a média alterada pelo IBGE em 2010, que era de 29 anos —, ratificando a tendência de "transo envelhecimento" dos brasileiros, segundo o IBGE. "O índice de envelhecimento chegou a 55,2 idosos para cada 100 crianças de 14 anos. Em 2010, o índice era 30,7", informa o instituto.

A combinação desses dados — aumento da população idosa e redução do número de crianças — revela o tamanho do desafio da sociedade brasileira e dos gestores públicos para assegurar, no futuro, mão de obra qualificada e em número suficiente para manter o ritmo de desenvolvimento econômico do país e, simultaneamente, gerar recursos para baratear as necessidades do aposentado. "Estamos prestes a completar a transição demográfica, disse ao Correio o geógrafo Cláudio Figueiredo, integrante da Comissão Consultiva do Censo. Para isto, o país terá que investir fortemente na formação acadêmica e profissional da geração que ainda não passou dos 14 anos de idade para assegurar uma de outra qualificada em um futuro no qual a disputa por empregos vai ficar cada vez mais restrita, marcada pela automação e pela inteligência artificial. Ao mesmo tempo, aumentará a necessidade de investimentos na população mais velha, seja em relação à Previdência Social, seja em saúde e mobilidade.

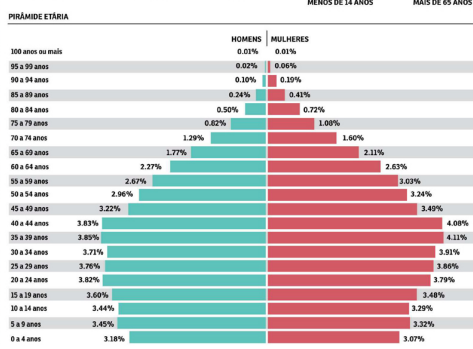
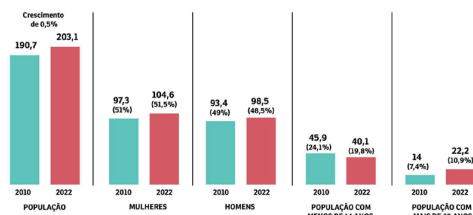
"No entanto, cada vez menos pessoas no mercado de trabalho ou em situação de qualificação e produtividade geram a economia necessária. Não é só isso que nos impede de investir nessa geração que está entrando agora. O desafio é duplo: melhorar o ensino e garantir qualidade de vida para a população idosa", alerta Figueiredo.

Sobre a curva de envelhecimento da população, a gerente de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica do IBGE, Isabel Marti, aponta alguns fatores que estão esperando pelos pesquisadores. "Com o tempo, a base da pirâmide etária faz e estreitando devido à redução da fecundidade e dos nascimentos que ocorrem

no Brasil. O que se observa, ao longo dos anos, é a queda da população jovem com aumento da população em idade adulta e, também, do topo da pirâmide."

Um Brasil mais velho e mais feminino

Números em milhões de habitantes



Brasil feminino

As mulheres ampliaram sua presença no total da população nos últimos 12 anos. Hoje, representam 51,5% (104,6 milhões) do total de habitantes, enquanto os homens somam 48,5% (98,5 milhões). Na comparação com o Censo de 2010, são 6 milhões de mulheres a mais, a redução de homens por grupo de 100 mulheres está em 4,2, mostrando "que a tendência histórica de predominância feminina na população se acentuou", segundo o IBGE. Em 1980, eram 98,7 homens para cada 100 mulheres, relação que caiu para 96,100, em 2010.

"Isso está relacionado com a maior mortalidade dos homens em todos os grupos etários. Além disso, nos idosos, adultos e subadultos, a submortalidade masculina é mais intensa. E, com o envelhecimento populacional, a redução da população de 0 a 14 anos e o inchaço da população mais idosa, há um aumento da proporção de mulheres, já que elas sobrevivem mais em relação aos homens", explica Isabel Marti.

Um dado curioso é que a proporção de homens é maior nas pequenas localidades, mas vai caindo à medida que aumenta o porte populacional dos municípios, partindo de 102,3 homens para cada 100 mulheres nas cidades com até 5 mil habitantes, chegando a 98,3 nas cidades com mais de 500 mil moradores. Nesta segunda apuração do Censo 2022, o total de habitantes do país foi atualizado para 203.080.756 — 18.244 pessoas a mais do que na última contagem.

Do Monte Caburaí ao Arroio Chuí

• RAFAEL PATI*

O Censo 2022 traz curiosidades que mostram as desigualdades geográficas do país. Do Monte Caburaí, em Itaipava, no Arroio Chuí, no Rio Grande do Sul, a pesquisa revela traços que distinguem perfil dos brasileiros e a predominância de certos grupos ou características.

Enquanto no estado mais setentrional há um predomínio da população mais jovem, com

51,5% de mulheres e 48,5% de homens; A cidade mais masculina do país é Belém (PA), com quatro homens para cada mulher; Das 10 cidades mais "masculinas" do Brasil, cinco sediam penitenciárias para homens: Balmuccia (PA), Laranjeiras (RN), Araruama (RJ), São José do Rio Preto (SP), todos em São Paulo.

Entre as cidades com mais de 100 mil habitantes, Santos (SP) tem a maior proporção de

mulheres (54,68%) e de idosos acima de 65 anos (16,23%); Das 10 cidades com a maior média de idade no país, nove estão no Rio Grande do Sul; Todas as 10 cidades com a menor média de idade do país estão no Rio Grande do Sul; Entre as cidades com maior taxa de população jovem abaixo dos 15 anos;

* Estatísticas sob a supervisão de Odair Figueiredo

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Brasil Pagina: 6